



COBÉAMAZONIA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: TESSITURAS DE SABERES E DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Resultado de Pesquisa

Francisca Marli Rodrigues de Andrade¹

Resumo

Na Amazônia brasileira, os imaginários sociais de sua população ressaltam concepções de Educação Ambiental pautadas no cotidiano. Estes são alguns dos resultados de uma pesquisa em Educação Ambiental e representações sociais, na qual participaram 121 docentes com formação em Pedagogia. Recorremos ao questionário, complementado por dois grupos de discussão e pela observação participante para coletar as informações da pesquisa. Nos resultados mais significativos, destaca-se o reconhecimento de que sua identidade é formada em função dos saberes tradicionais e da relação com a natureza.

Palavras chave: Amazônia, Educação Ambiental, *CobéAmazonia*.

INTRODUÇÃO

Adentrar-se no complexo universo das representações sociais elaboradas por docentes amazônicos, supõe considerar que a leitura que fazemos de suas representações, inevitavelmente, refletem as concepções inerentes à nossa condição humana, enquanto “ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento” (FREIRE, 1996, p. 29). Reafirmamo-nos enquanto sujeitos histórico, cultural e político, para ressaltar que os povos amazônicos foram formados juntos com a história que os define, que os caracteriza e os individualiza na sua condição humana. Porém, estes mesmos povos, também redefinem sua história, escrevem novas páginas, formatam novos capítulos e criam outros cenários. Tem sido assim, historicamente, os estudos arqueológicos realizados por Roosevelt (1994), indicam que muito antes da chegada dos europeus à Amazônia, já habitavam aí sociedades organizadas e culturalmente desenvolvidas.

Porém, as marcas do processos de *invasão, apropriação e violência*, mais conhecido como colonização, mudaram radicalmente a continuidade histórica das comunidades amazônicas. Iniciando-se com a chegada das embarcações do espanhol Vicente Pinzón, no ano de 1.500, a qual representou os primeiros choques culturais e atos de violência contra os povos amazônicos,

¹ Professora Adjunta do quadro permanente da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: marli_andrade@id.uff.br

sobretudo, quando “aprisiona índios e os leva consigo para vender como escravos na Europa” (LOURREIRO, 2002, p. 108). Neste sentido, não podemos negar as marcas da colonização na constituição histórico-cultural e os elementos identitários compartilhados de geração em geração. Não podemos deixar de citar os saberes esquecidos, marginalizados e perdidos, em função dos choques de temporalidade e de extinção das diversas comunidades indígenas provocada pelo contato com os europeus. São justamente estes saberes esquecidos que tentaremos desvelar nesta pesquisa.

METODOLOGIA

A pesquisa se inscreve a partir de um aporte teórico e metodológico orientado por contribuições da pesquisa qualitativa, mais precisamente da Teoria das Representações Sociais na sua abordagem etnográfica, que tem como principais interlocutores a Serge Moscovici e a Denise Jodelet. Insere-se no âmbito das pesquisas interpretativas, uma vez que envolve um conjunto heterogêneo de perspectivas, métodos, técnicas e análises que tem por objetivo desvelar a realidade social. Recorremos ao questionário, complementado por dois grupos de discussão e pela observação participante para coletar as informações da investigação, na qual participaram 121 docentes que, com formação em Pedagogia, atuam na rede pública municipal de Castanhal-Pará, Brasil.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: IMAGINÁRIOS SOCIAIS AMAZÔNICOS

As representações sociais de educação ambiental elaboradas pelos protagonistas da pesquisa no contexto amazônico são múltiplas e, por meio delas, (re)constroem inúmeros saberes. A partir dos seus discursos, foi possível identificar as concepções que foram agrupadas em *naturalistas*, *integradoras* e *antropocêntricas*, as quais revelam uma diversidade de elementos simbólicos que caracterizam o passado, o presente e, quiçá, parte do que poderia ser o futuro da realidade amazônica. As concepções *naturalistas* estão pautadas nos elementos da natureza, enquanto que as representações *antropocêntricas* se inscrevem a partir de uma perspectiva unilateral e excludente; ou seja, nas políticas do Estado e suas ações para o controle social.

Por sua vez, a agrupação das concepções *integradoras* é formada pelos discursos que revelam concepções de *CobéAmazonia*, *crítica* e *ecoeducação*, as quais ressaltam as tensões simbólicas pelas quais os sujeitos buscam fugir dos processos de enquadramento presentes nas concepções hegemônicas. Isto não significa que os elementos histórico-culturais não estejam presentes nas concepções *naturalistas* e *antropocêntricas*, assim como as ideologias dominantes

nas representações *integradoras*. Ao contrário, revelam a intensidade destes elementos simbólicos nas agrupações. Nesse sentido, voltemos nossa atenção às concepções de *CobéAmazonia*, por serem estas nosso objeto de interesse.

A noção de *CobéAmazonia* aqui utilizada consiste na tradução de vida amazônica da língua portuguesa para a língua *Nheengatu*. Língua esta derivada do tronco *Tupi* outrora mais falada do que a língua portuguesa nos Estados do Amazonas e do Pará até o final de 1877. Nos dias atuais ainda é falada por algumas populações indígenas nos territórios geográficos da Amazônia brasileira (Navarro, 2013).

Nesse sentido, a *CobéAmazonia* ressalta uma representação de Educação Ambiental pautada na essência da vida amazônica e, portanto, reivindica a inclusão dos seus saberes e de sua cultura. Em outras palavras, uma Educação Ambiental pautada “no sentimento de pertença à região, nos aspectos que consideram importantes para a manutenção da vida, no modo como descrevem a Amazônia como algo sublime e, portanto, especial e que agrega um valor simbólico relevante para a sua cultura” (Andrade, 2014, p. 307).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas representações sociais de educação ambiental elaboradas pelos docentes, foi possível identificar uma referência comum das comunidades amazônicas, cuja característica determinante refere-se ao sentimento de pertença, aos processos de participação social, de engajamento e posições políticas, entre outros. Principalmente a perspectiva *CobéAmazonia*, presente em seus discursos, ressalta que as tradições culturais, compartilhadas a partir da circularidade da cultura, permanecem vivas nos imaginários sociais das mulheres e dos homens que lutam pela saída de um modelo de opressão e apropriação predatória da natureza. Esta luta traduz a importância da cultura amazônica para a (re)definição de saberes e subjetividades e, portanto, da emancipação social.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Francisca Marli Rodrigues. **Educação Ambiental na Amazônia: um estudo sobre as representações sociais dos pedagogos, nas escolas da rede pública municipal de Castanhal-Pará (Brasil)**. Tese de doutorado. Universidade de Santiago de Compostela (USC), 2014, 581f.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**, 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LOUREIRO, Violeta. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir, **Estudos Avançados**, v. 16, n. 45, p. 107-121, 2002.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário de tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil.** São Paulo: Global, 2013.

ROOSEVELT, Anna. **Amazonian Indians from prehistory to the present: anthropological perspectives.** University of Arizona Press: Tucson, 1994.